

Memória da Reunião entre Agrar/Engetec, Verthic, Funai para tratar dos Projetos de Geração de Renda do Programa de Atividades Produtivas em 20/05/2014.

Presentes: Roberto Costa/CGETNO; Estella Libardi e Allyne Mayumi/CR Funai; Luciano Pohl/FPEMX; Patrícia, Fernando Vicente, Igor e Luís/Verthic; Ana Luíza Coelho, Luciana e Emílio/Agrar-Engetec.

A reunião teve início com Roberto relatando sobre o que viu em campo, durante o trabalho de avaliação do Programa de Atividades Produtivas (PAP), que está em andamento. É destacada a necessidade de construção das casas de farinha, que é o maior passivo. Sobre as aberturas de roças de forma mecanizadas, Ana diz que foi acordado com a Norte Energia que não haveria mais. Ana cita o caso de Paquiçamba, que os indígenas continuam solicitando a abertura de roças de forma mecanizada. Igor diz que é preciso considerar a especificidade de Paquiçamba, que é uma área pequena, os indígenas não tem uma tradição de agricultura, e a solicitação de abertura de roças mecanizadas parece ser para uma demanda de geração de renda, e não de subsistência. Discute-se a necessidade de diversificação das possibilidades de geração de renda, considerando os problemas que os indígenas da Volta Grande têm enfrentado com a maior dificuldade com a pesca. Ana apresenta as linhas dos projetos de geração de renda que estão sendo pensados. Sobre a **castanha**, Ana diz que a consultoria provavelmente será o Camarão; os mapeamentos e intercâmbios, com a participação do PGTI; capacitação no processo de comercialização, com participação do PFI; construção de cartilha com os indígenas, conversar com Programa de Educação. Ana diz que os projetos irão envolver todos os Programas do PBA-CI e a Funai num primeiro momento, depois outras instituições. Fala sobre a Cartilha Rikbaktsa sobre a castanha (contatar Funai em Juína). Sobre a **farinha**, Roberto fala da experiência dos Munduruku, do trabalho com a Emater, em Itaituba (contatar a CR em Itaituba). Ana fala sobre a possibilidade de venda para merenda, junto com as associações, onde houver, via PAA. Mayumi questiona como está sendo pensado o acompanhamento dos projetos, pois são muitos projetos, e muitas aldeias, e para dar certo precisa ter um acompanhamento muito de perto, ter muita presença nas aldeias, ir junto com os indígenas nas prefeituras para acessar as políticas. Para fazer tudo isso precisa ter uma equipe grande, e muita dedicação. Ana diz que estão se reorganizando na equipe e planejamento a contratação de mais três ou quatro técnicos agrícolas para a equipe, se possível um ponto focal para cada TI. Hoje, a equipe não é suficiente para estarem em todos os locais ao mesmo tempo; estão pensando quais projetos vão tocar primeiro, e o que vão deixar para depois, pois nem a equipe nem os índios tem tempo para tocar todos os projetos ao mesmo tempo. Roberto ressalta que precisa ter técnicos agrícolas diretamente em campo, pois os projetos só terão sucesso se a equipe estiver presente. Ana explica que cada uma das quatro equipes (Trincheira Bacajá, Povos dos Rios Iriri e Curuá, Povos de Recente Contato, Volta Grande e Koatinemo) tem um coordenador e um agrônomo

fixos, e os técnicos agrícolas estão a disposição das equipes, sendo oito apenas hoje. É discutido o projeto de comercialização do **pescado**. Ana fala sobre a dificuldade de escoamento da produção, especialmente para os Arara da TI Arara e Cachoeira Seca, e das dificuldades em explicar para os indígenas os custos para pensar na rentabilidade. Luciano fala que possivelmente seria melhor ficar como está (regatões). Discute-se que a possibilidade de trabalhar com os regatões, porque podem ser a via para escoamento da produção, e verificar se é possível ter um preço mais justo. Roberto levanta a possibilidade de ter um termo de cooperação com regatões. Igor pergunta como surgiram as propostas dos projetos de geração de renda. Ana explica que foram discutidos no momento dos diagnósticos, e que em geral são atividades que eles já desenvolvem. Ana diz que estão sendo pensados em geral dois projetos de geração de renda por aldeia, três contando com o de artesanato. Roberto pondera que com os projetos de subsistência (especialmente as atividades das roças) e os de geração de renda, já é muita coisa para os indígenas fazerem, qual é o tempo que terão para outras atividades? Discute-se a criação de peixes em tanque, que é uma demanda da Volta Grande, e há também uma demanda dos Xikrin, mas voltado para subsistência. Roberto sugere trazer os indígenas Suruí, do Sororó, para contarem como foi a experiência deles com a criação de peixes em tanque financiada pela Vale, ou levar alguns para conhecer. Igor pergunta se há informações sobre o Projeto da Pesca Sustentável pensada no PBA Geral, Ana diz que não sabe se está em execução. Luís informa que está sendo executado de forma experimental e não estão sendo divulgadas informações. Igor sugere buscar informações a respeito, para que o Projeto de comercialização de pescado seja pensado de forma mais abrangente e não de forma isolada. Há uma proposta de levar os indígenas da Volta Grande para conhecerem esse local experimental. Sobre o **cacau**, Emílio fala sobre a necessidade de intervir, pois os indígenas estão planejando implantar cacau independentemente do PAP ou da Funai, com o risco de abrirem grandes áreas de mata primária, colocarem sementes de má qualidade, etc. Emílio fala da necessidade de fazer capacitações com a Ceplac, para os indígenas avaliarem, inclusive, a disponibilidade de mão de obra. Também farão o manejo das áreas de cacau já implantadas. Discutiu-se, também, a necessidade de planejar o que será feito com o cacau da área a ser desintrusada em Apyterewa. Roberto fala sobre os viveiros que viu no Koatinemo, que foram para baixo de água, e em Xipaya/Kuruaya, onde os viveiros também foram feitos de forma imprópria. Luís fala sobre o vídeo do cacau da Associação Floresta Protegida, que foi mostrado aos Xikrin e os indígenas tiveram muito interesse. Emílio e Luciana relatam que plantaram as frutíferas em alguns locais e depois que os técnicos saíram os indígenas retiraram as mudas e plantaram em outros locais, sem espaçamento. Roberto reforça a necessidade de ter técnicos sempre presentes para evitar essas situações. Sobre a comercialização de **hortaliças** nas aldeias Paquiçamba e Muratu, há uma conversa dos indígenas com a Prefeitura de Vitória, que teria se comprometido a comprar a produção dos indígenas, em razão disso os indígenas também querem regularizar as associações. Isso precisa ser confirmado com a Prefeitura

de Vitória do Xingu, pois dependerá muito da Prefeitura, uma vez que não é uma atividade que os indígenas estão acostumados a desenvolver. A comercialização dos **suínos**, na aldeia Muratu, também é em razão dessa conversa da Prefeitura de Vitória do Xingu. Roberto sugere postergar esse projeto, para verificar se os indígenas desistem da ideia, pois é uma criação que causa muitos problemas. Emílio fala sobre a demanda de criação de **gado** de algumas aldeias da Trinchira Bacajá, que não está prevista nesse momento, mas é uma demanda que vai voltar. Ana destaca que também é uma demanda do Kararaô, fomentada pelo Levi, que mora nas proximidades da Terra Indígena. Roberto fala da necessidade de trabalhar no convencimento dos indígenas. Luís relata que Sérgio, que estava no Kamoktikô, pretende levar o seu gado para o Potikrô. Emílio relata que no Pykayakó estão cercando corredores para levar o gado do Tucum que está numa fazenda. Foi apresentada também a proposta de comercialização da **arte indígena**. Ana Luíza falou sobre outras propostas que têm sido levantadas: na aldeia Laranjal e Cojubim, coleta de sementes e produção de **óleos vegetais** (há experiências em Uruará e no Rio Novo, é importante os indígenas conhecerem); na aldeia Cojubim, produção de **carvão vegetal** (sobre isso foi discutido que deve ser descartado); na TI Xipaya e em outros lugares, beneficiamento de **urucum** e **algodão**. É citada também a possibilidade da produção do **mel**. Discutiu-se a necessidade dos indígenas conhecerem várias experiências e possibilidades, para decidirem quais serão efetivamente os projetos de geração de renda a serem implantados. Luís fala que a comercialização não necessariamente será com os não indígenas, pode ser dentro da própria terra indígena, como as mulheres têm feito com os vestidos, no Potikrô. Estella questiona sobre os próximos passos. Ana informa que os projetos estão com a Gerência da Agrar/Engetec e devem ser encaminhados à Norte Energia, e que a implantação depende da aprovação da Norte Energia, pois o contrato da Agrar/Engetec só prevê a contratação da consultoria, todos os insumos, edificações, intercâmbios, entre outros serão financiados pela Norte Energia. Estella questiona como será a metodologia de trabalho do Grupo de Trabalho sobre os Projetos de Geração de Renda, se será feita uma discussão por projeto, ou por terra indígena. Acordo pela realização de reuniões temáticas, específicas para cada projeto, para planejar linhas gerais em conjunto, com um público mais ampliado e com especialistas nos temas. As primeiras reuniões seriam sobre os projetos de castanha, arte indígena e pescado, começando pela castanha. Para a reunião sobre a castanha, sugeriu-se a participação, além das equipes da Funai e PBA-Cl, do Camarão, do Leonardo, e de um técnico da Funai de Juína, ficando como indicativo a data de 16 de junho, a ser confirmada.